

A PROPÓSITO DA AMPLIAÇÃO DE NÚCLEOS SUBSTANTIVOS

Renira Lisboa de Moura Lima
Universidade Federal de Alagoas

Introdução

A concordância e a regência, processos sintáticos de subordinação, mutuamente exclusivos, mas podendo ser coocorrentes e reiterados, permitem, ampliando o núcleo do sintagma nominal a que articulam, respectivamente, palavras de classes diferentes ou idênticas, a formação de unidades maiores, fornecendo “pistas” que, aliadas ao conhecimento do contexto, contribuem para a construção do sentido.

É na sintaxe¹ que se prevêm os processos de articulação que ampliam os núcleos dos sintagmas nominais – justaposição, coordenação e subordinação –, transformando-se unidades menores em unidades maiores, o que pode ocorrer em diversos níveis: suboracional (palavras e sintagmas²), oracional e superoracional (período e parágrafo)³.

A seleção desses processos vai depender do tipo de relação que se estabelece entre os elementos articulados: se há equivalência, dá-se a justaposição pois os elementos articulados são sinônimos ou

¹ O termo sintaxe é formado de dois constituintes de origem grega – syn (com), presente em outras palavras da língua (simpatia, simetria, sintonia), e taxis (arranjo, combinação), encontrado nas palavras parataxe, hipotaxe, taxionomia.

² O sintagma é classificado, segundo a classe gramatical de seu núcleo ou de seu articulador, em sintagma nominal, sintagma verbal, sintagma atributivo e sintagma preposicional (Tondo, 1978:23).

³ Esses processos sintáticos podem ocorrer também, no nível suboracional lexical, na formação de palavras. Assim, os processos da coordenação e da subordinação se verificam na composição (Carone, 1988:38), como, por exemplo, em couve-flor e pé-de-moleque, respectivamente; o da subordinação, na derivação, como em jardineiro.

paráfrases, como acontece com os apóstos⁴; havendo independência, ou autonomia, usa-se a coordenação (parataxe), articulando-se elementos da mesma natureza; e, existindo interdependência, usa-se a subordinação (hipotaxe), estabelecendo-se entre os elementos de natureza diferente, uma relação hierárquica.

Tais situações se marcam por mecanismos morfológicos (desinências das flexões de gênero, número, pessoa e das formas nominais dos verbos) e sintáticos (preposição, conjunção, pronomes relativos) ou pelos sinais de pontuação (Diagrama 1).

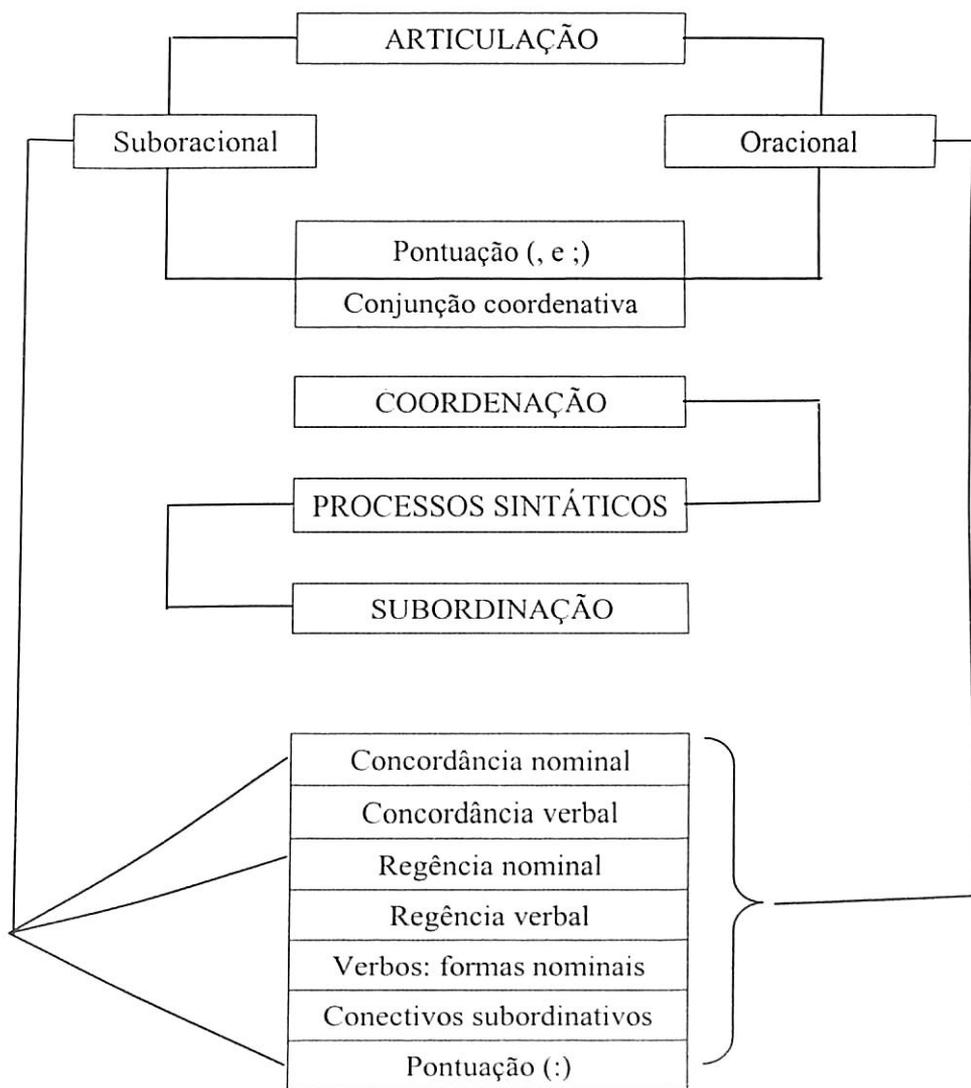
Dentro desse quadro de referência, tanto a concordância quanto a regência são vistas como um processo de subordinação que ocorre tanto no nível suboracional quanto no nível oracional. Se a articulação se dá entre palavras de classes diferentes, tem-se a concordância nominal: se entre palavras da mesma classe, a regência nominal.

Concordância Nominal

No nível suboracional, ao núcleo do sintagma nominal (termo determinado, regente ou subordinante), substantivo ou pronomesubstantivo, articulam-se palavras de outras classes gramaticais (termos determinantes, regidos ou subordinados): artigos, numerais, pronomes-adjetivos (exofóricos ou endofóricos), adjetivos ou aparentemente da mesma classe (substantivos adjetivados), como forma de determinação, identificação, discriminação, caracterização ou de avaliação, exercendo a função sintática de adjunto adnominal. E, no nível oracional, em que a forma adjetiva, integrando o predicado nominal, como núcleo, ou o predicado verbo-nominal, como um de seus núcleos, vai depender do núcleo do sujeito ou do objeto, tendo a função sintática de predicativo do sujeito ou de predicativo do objeto. Esse fenômeno vai ocorrer igualmente com a forma nominal de particípio em três situações: adjetivado, introduzindo oração subordinada reduzida ou como núcleo de predicado verbal (verbo principal) da voz passiva analítica.

⁴ Embora relacionados a um único referente, na relação de equivalência, os dois sintagmas não são réplicas: diferem entre si, até estilisticamente, sendo, nesse caso, um denotativo, o outro conotativo, como se dá no exemplo retirado de Machado de Assis (1952:183): A insônia [denotativo], musa de olhos arregalados [conotativo].

Diagrama 1 - Processos sintáticos da coordenação e subordinação por nível de articulação e formas de articulação



A concordância nominal se dá, pois, entre palavras de classes diferentes – e nunca entre palavras de mesma classe –, através de um

recurso morfossintático, isto é, um ajuste da flexão (gênero e número⁵) do termo subordinado (adjetivos, participípios, artigos, numerais e/ou pronomes-adjetivos) à flexão do termo subordinante (substantivo ou pronome-substantivo), como se apresenta no diagrama 2 e se ilustra com os exemplos 1 e 2, analisados no quadro 1.

Exemplo 1: A luz solar é branca, pois é composta de todas as cores. (A COLORAÇÃO, 1993:14)

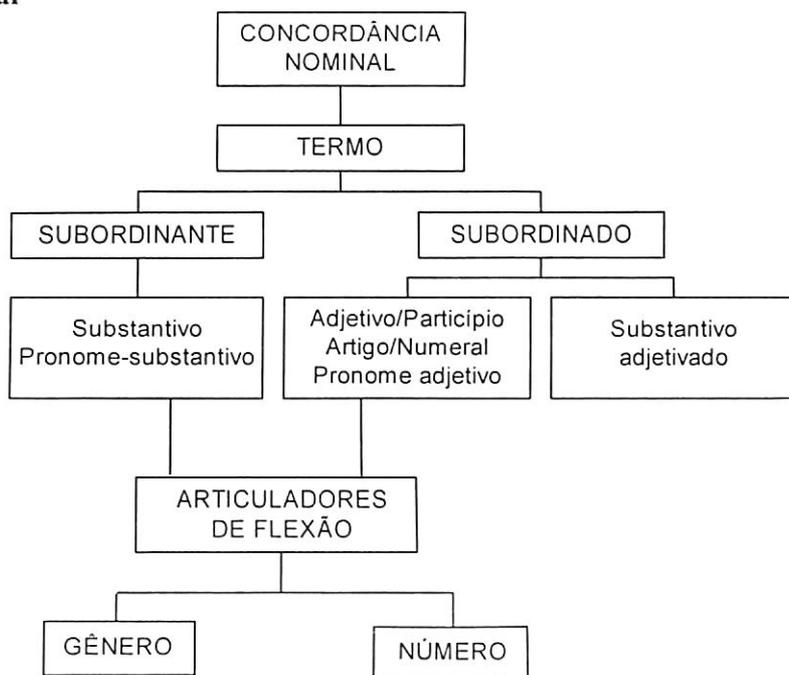
Exemplo 2: Jurei não ir ver Capitu. Chamava-lhe [Capitu] perversa. (Assis, 1952:248)

Quadro 1 - Relação de concordância nominal entre os termos subordinantes e subordinados dos exemplos 1 e 2

TERMO		CLASSE	FUNÇÃO SINTÁTICA
Subordinante	Subordinado		
Luz	a	Artigo	Adjunto adnominal
	solar	Adjetivo	Predicativo do sujeito
	branca		
	composta	Particípio	Núcleo do predicado (voz passiva)
Cores	todas	Pronome	Adjunto adnominal
	as	Artigo	
Lhe [Capitu]	perversa	Adjetivo	Predicativo do objeto

⁵ Consideradas como pleonásticas, uma vez que a indicação do gênero e do número se faz mais de uma vez no mesmo sintagma, as marcas da concordância nominal vão ter a mesma função do cotejo na linguagem telegráfica. Entretanto, o busilis no uso desses dois articuladores, o ponto crucial, por ser o lugar em que se manifestam as dúvidas ou os erros de concordância nominal, é o número, pois dificilmente um falante nativo hesita no ajuste de gênero, produzindo frases como *um menina bonito ou *um menina bonito. Essas indecisões ocorrem na fala e na escrita de estrangeiros. O mesmo se dá na concordância verbal, expressa pelos articuladores modo-temporal, de pessoa e de número. Nenhum falante diria: *Eu vai. Assim, o articulador de número, comum aos dois tipos de concordância (nominal e verbal) é que deve ser objeto de preocupação no ensino da língua materna.

Diagrama 2 - **Articuladores de flexão na concordância nominal**



Esse ajuste de flexão vai permitir não só a formação de uma unidade maior, mas também a identificação do relacionamento entre termos – mesmo distantes – e a recuperação, no nível textual, do elemento tematizado através de termos elípticos ou pronominalizados, isto é, a recuperação da referência⁶ durante a leitura. Pode-se dizer, então, que se estabelece, pela concordância nominal, a coesão, nos níveis suboracional e oracional⁷, entre palavras próximas ou distantes, graças às “pistas” visuais, morfológicas, com que se dá estabilidade a unidades do texto escrito, delimitando-se grupos de sentido. É o que se observa nos exemplos 3 e 4, analisados no quadro 2.

⁶ A referência pode ser exofórica (dêitica) ou endofórica, casos em que o referente está, respectivamente, fora do texto, na situação de interação comunicativa, ou no texto, quando pode preceder o item coesivo (anáfora) ou segui-lo (catáfora). (Koch, 1991:20; Adam, 1985:42)

⁷ Ultrapassando-se o nível da oração, pelo mecanismo da concordância nominal, identifica-se, na linearização do texto, a permanência de temas (isotopias).

Exemplo 3: Os olhos de Escobar, claros como já disse, eram dulcíssimos: assim os definiu José Dias, [...] (Assis, 1952:238)

Exemplo 4: Os olhos da atriz, negros como a melancolia, miram distantes e intraduzíveis. (Querino Neto, 1993:108)

Quadro 2 - Relação de concordância nominal entre os termos subordinantes e subordinados dos exemplos 3 e 4

TERMO		CLASSE	FUNÇÃO SINTÁTICA
Subordinante	Subordinado		
Olhos	os	artigo	Adjunto adnominal
	claros	adjetivo	
	dulcíssimos		Predicativo do sujeito
Olhos	os	artigo	Adjunto adnominal
	negros	adjetivo	
	distantes		Predicativo do sujeito (Predicado verbo-nominal)
	intraduzíveis		

Isso se torna mais evidente nos textos poéticos, onde há muitas inversões, como ilustra o exemplo 5, o primeiro quarteto do soneto *Anoitecer*, do poeta parnasiano Raimundo Correia (apud Oliveira, 1953:50) em que o particípio adjetivado *raizados* se articula, pelo mecanismo da concordância nominal, ao núcleo substantivo *céus*⁸. O particípio adjetivado *raizados* e o substantivo *céus* estão distantes, separados por cinco palavras que formam dois sintagmas preposicionais coordenados, com a função sintática de complementos nominais antepostos ao adjetivo a que se articulam.

⁸ Isso se comprova, se utilizada a ordem habitual: Na agonia, o sol esbraseia o Ocidente... Aves fogem, em bandos destacados, por céus raiados de ouro e de púrpura. Nesse quarteto, o uso dos sintagmas preposicionais (de ouro e de púrpura) coordenados, antepostos, articulados ao particípio raiados, para transmitir uma impressão visual de cor, se justifica pela possibilidade do aparecimento de dois núcleos substantivos secundários – ouro e púrpura –, reconhecidamente símbolos de riqueza e de poder, explicitando-se, dessa forma, o valor do objeto, que, por isso mesmo, merece ser descrito, princípio seguido pelos poetas parnasianos.

Exemplo 5: Esbraseia o Ocidente na agonia
 O sol... Aves em bandos destacados,
 Por céus de ouro e de púrpura raiados
 Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia.

Entretanto, nem sempre esses ajustes se fazem, em razão de características morfológicas, de restrições semânticas ou de variações lingüísticas.

No primeiro caso, estão os adjetivos e pronomes-adjetivos uniformes quanto ao gênero, embora bifórmes quanto ao número. É o caso dos adjetivos terminados em **a** (hipócrita, homicida, indígena), **ar** (exemplar, ímpar), **ês** (cortês, montês, pedrês), **l** (azul, ágil), **m** (virgem, ruim, comum), **or** (os comparativos maior, menor, superior, inferior), **s** (reles, simples), **u** (indu, zulu) e **z** (audaz, feliz), como destacam Cunha e Cintra (1985:245-246) e o pronome-adjetivo *qualquer*, cuja flexão no plural se dá apenas no primeiro constituinte (quaisquer).

O segundo caso se exemplifica com o pronome-adjetivo *cada*, uniforme quanto ao gênero e quanto ao número, pois indica sempre o destaque de qualquer um dos elementos pertencentes a um determinado conjunto, como comprova o seu uso no exemplo 6, o poema *Preparação para a morte*, de Manuel Bandeira (apud Ribeiro, s.d:118), em que o que é dito se aplica a qualquer flor (do conjunto das flores) e a qualquer pássaro (do conjunto dos pássaros):

Exemplo 6: Cada flor é um milagre
 Cada pássaro
 Com sua plumagem, seu vôo, seu canto,
 Cada pássaro é um milagre.

Também não há ajuste de flexão, não havendo indicação da concordância, quando o substantivo é ampliado por outro substantivo que ocupa o lugar do adjetivo, o substantivo adjetivado, como ocorre, por exemplo, na indicação precisa das cores, nos adjetivos simples e

compostos⁹ cujo último termo é um substantivo adjetivado, apresentados nos exemplos de 7 a 10 e analisados no quadro 3.

Exemplo 7: Um conjunto em tafetá marfim.

Exemplo 8: Uma bolsa caramelo e uma saia cacau.

Exemplo 9: Um vestido azul turquesa, um conjunto papaia e um sapato ameixa.

Exemplo 10: Era um talismã de cor verde-azeitona. (Gastão Cruls, apud Ribeiro, s/d:126)

Quadro 3 - Relação entre subordinantes e subordinados nos exemplos de 7 a 10

TERMO		CLASSE	FUNÇÃO SINTÁTICA
Subordinante	Subordinado	substantivo	Adjunto adnominal
Tafetá	marfim		
Bolsa	caramelo		
Saia	cacau		
Conjunto	papaia		
Sapato	ameixa		
Vestido	azul-turquesa	adjetivo composto (segundo termo: substantivo)	
Cor	verde-azeitona		

⁹ Parece estar havendo hesitações na flexão dos adjetivos compostos, mesmo na língua escrita. Vejam-se os exemplos que contrariam a regra da gramática ensinada na escola:

a) Areias brancas e macias, águas verdes-turquesa (sic) e límpido céu azul [...] (Friedel, 1993:14)

b) E a província do sol, das amendoeiras, das extensas praias pontilhadas de rochas emolduradas por enseadas de água azuis-turquesa (sic). (Canto, 1993:96).

A tendência parece favorecer a concordância no primeiro adjetivo, deixando inalterável o especificador substantivo.

Também se observou desrespeito à regra, no adjetivo composto azul-marinho, considerado uniforme, portanto invariável, na gramática prescritiva, como comprova o exemplo:

c) O texto trazia vários detalhes sobre os tailleurs Aquascutum azuis-marinhos (sic) e o penteado da “Dama de Ferro”, mas nenhuma informação sobre sua maquilagem (Wolff, 1993:8).

Esses substantivos¹⁰, geralmente, designam elementos da natureza – flores, frutos, pedras preciosas, substâncias – em que a cor se apresenta como uma de suas características pertinentes.

Quanto à variação lingüística, o fenômeno ocorre, tanto do ponto de vista do nível social, quanto da ocorrência de um maior ou menor grau de formalidade/informalidade e da modalidade da língua utilizada. Respeitadas as normas da língua escrita, marcam-se, redundantemente, nos termos subordinados, o gênero e o número determinados pelos termos subordinantes. Isso não ocorre na língua falada em que, segundo a tese de Tarallo (1990), só recebe a marca da concordância nominal a palavra que ocupa a primeira posição no sintagma. Daí os determinantes serem marcados, e os substantivos e adjetivos, colocados depois deles, não apresentarem as marcas do plural¹¹.

Mas, mesmo na língua escrita, admitem-se construções alternativas equiprováveis, quando, por exemplo, o sintagma nominal é constituído de mais de um núcleo substantivo de mesmo gênero ou de gêneros diferentes¹², em que também se admite a concordância do termo subordinado com o termo subordinante mais próximo.

Assim, diante dessa possibilidade de as marcas da concordância deixarem de ser apresentadas e dessa aceitação de

¹⁰ É comum o uso desses substantivos articulados ao núcleo cor, mais freqüente (tailleur cor de mato, vestido cor de areia), tom (saia em tons de terra) ou similares, como comprovam os exemplos retirados de Assis (1952) — Fez-se da cor de pitanga (p. 48). Fez-se da cor de cera. (p. 59) — e de Queirós (2000): a pele cheia de manchas cor de tomate (p. 218), uma voz rica e lenta, dum tom de ouro que acariciava (p. 241), o veludo cor de cereja (p. 321), brocados cor de musgo de outono (p. 328), feia e cor de ferro (p. 339) com as suas formosas colchas da Índia, cor de palha e cor de pérola (p. 359), um papel especial, dum tom macio de marfim (p. 364), aquela cara balofa, cor de cidra (p. 371), a face enorme, imberbe e cor de papoula (p. 410), abalando os muros cor de canário (p. 421).

¹¹ Tarallo (1990: 37-39) também considera, na língua oral, o tipo de fonema que vem a seguir, como fator condicionante de uso da marca da concordância: a consoante favorece a variante nula, enquanto a vogal favorece a utilização das marcas do plural.

¹² Para Câmara Jr. (1961: 149-150), o caso do sintagma nominal constituído de mais de um núcleo substantivo de gêneros diferentes é o mais delicado na concordância nominal.

construções alternativas, pode considerar-se a concordância nominal como algo dispensável na construção do sentido. Mas não é isso o que ocorre. Em muitas situações, a concordância tem esse papel, e são as suas marcas que permitem desfazer-se a ambigüidade da construção, pois “é por essa correspondência de flexões que os dois termos [subordinante e subordinado] se acham inequivocadamente relacionados, mesmo quando distantes um do outro, na frase (Cunha & Cintra, 1985:263).

Veja-se o exemplo 11, um título retirado da *Gazeta do Povo* (Curitiba, 14 nov. 1993), em que o uso do adjetivo *veloz*, por ser uniforme quanto ao gênero, cria ambigüidade, podendo referir-se tanto ao núcleo principal do sintagma *cérebro* (cérebro mais veloz) quanto ao núcleo secundário, pertencente ao sintagma preposicional, *mulher* (mulher mais veloz), diferença que se ilustra nos diagramas 3 e 4:

Exemplo 11: Cérebro de mulher mais veloz

Diagrama 3 - Relação entre o termo subordinado e o núcleo principal do sintagma nominal do exemplo 11

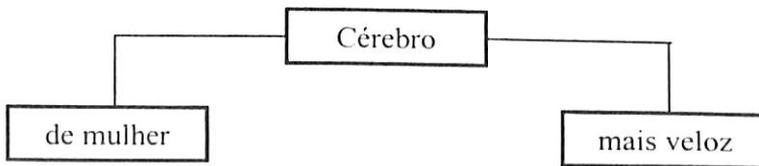
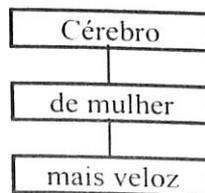


Diagrama 4 - Relação entre o termo subordinado e o núcleo secundário pertencente ao sintagma preposicional do exemplo 11



No texto propriamente dito, que desenvolve o título – *apesar de menor, o cérebro da mulher é mais rápido do que o de homens* –, desfaz-se a ambigüidade, graças ao uso do adjetivo sinônimo de *veloz*, *rápido*, biforme quanto ao gênero, levando à rejeição da interpretação descrita no diagrama 4 (não é a mulher que é mais veloz) e à aceitação da interpretação representada no diagrama 3 (o cérebro é mais veloz).

Muitas vezes, é o conhecimento do contexto que leva à compreensão e à utilização do mecanismo sintático da concordância nominal. É o que acontece com o exemplo 12, uma manchete publicada no *Jornal do Commercio* (Recife, PE).

Exemplo 12: “Lista de Schindler” é o grande vencedor.

Nesse exemplo, não é o núcleo *lista*, do sintagma nominal sujeito que comanda a concordância do predicativo do sujeito, como ocorreria, por exemplo, se a frase tivesse a seguinte estrutura: *A lista de Schindler era constituída de nomes de judeus*. No exemplo original, é o conhecimento do contexto, aliado ao conhecimento da pontuação (uso de aspas na indicação de títulos de obras) que vai permitir identificar-se o sintagma *Lista de Schindler* como o título de um filme. Como título, portanto um nome próprio, é um bloco monolítico: seus constituintes são inseparáveis. Por isso, nenhum deles, isoladamente, poderia determinar a concordância. O leitor, nesse caso, recupera o termo equivalente, hiperônimo, que designa a classe em que se insere a obra, *filme*, termo esse que vai determinar a concordância: *O filme “Lista de Schindler” é o grande vencedor*.

Regência Nominal

Se a articulação se dá com palavras da mesma classe, a relação de dependência se estabelece pelo mecanismo da regência nominal, sob a forma de um sintagma preposicional que se articula ao núcleo principal (substantivo ou pronome-substantivo) do sintagma nominal que o antecede, através de uma preposição. Nesse caso, há também uma relação hierárquica entre os dois sintagmas (principal e subordinado), e o processo de subordinação se dá entre dois termos da mesma classe gramatical. Esse sintagma preposicional¹³, também chamado de locução adjetiva quando tem valor de adjetivo, pode

¹³ O sintagma preposicional que se articula a um núcleo substantivo também pode exercer a função sintática de complemento nominal. Nesse caso, entretanto, não tem valor de adjetivo, mas de objeto da ação, de paciente. É o que comprovam os exemplos, em que o sintagma preposicional, destacado em *itálico*, exerce a função sintática de complemento nominal, podendo ser reescrito em forma oracional, na voz passiva analítica ou sintética — o racionamento da água (*A água é racionada/ Raciona-se a água*), o apagamento da luz (*A luz é apagada/ Apaga-se a luz*), a retirada de órgãos (*Órgãos são retirados/ Retiram-se órgãos*), a reconstrução dos tecidos (*Os tecidos são reconstruídos/ Reconstróem-se os tecidos*).

exercer as mesmas funções sintáticas do adjetivo: adjunto adnominal ou predicativo (do sujeito ou do objeto), como acontece no exemplo 13, analisado no quadro 4.

Exemplo 13: A insônia, *musa de olhos arregalados*, não me deixou dormir uma longa hora ou duas; [...]. (Assis, 1952:183)

Quadro 4 - Relação entre os termos subordinante e subordinado no exemplo 13.

TERMO		CLASSE	FUNÇÃO SINTÁTICA
Subordinante	Subordinado		
Musa	de olhos arregalados	locução adjetiva	Adjunto adnominal

COCORRÊNCIA DOS PROCESSOS CONCORDÂNCIA E REGÊNCIA

Esses dois mecanismos sintáticos, essas duas formas de articulação de elementos ao núcleo substantivo – concordância nominal e regência nominal – são mutuamente excludentes, isto é, ou se usa uma, ou se usa a outra. Entretanto, admitem-se a sua coocorrência e a sua recursividade, como ilustra o exemplo 14, analisado no quadro 5.

Exemplo 14: [...] que vestem enormes e pesados bonecos de látex. (A GESTAÇÃO, 1993:14)

Quadro 5 - Relação entre os termos subordinante e subordinado no exemplo 13.

TERMO		CLASSE	FUNÇÃO SINTÁTICA
Subordinante	subordinado		
Bonecos	enormes	adjetivo	Adjunto adnominal
	pesados		
	de látex	locução adjetiva	

Observem-se, nesse exemplo, a anteposição dos adjetivos coordenados (enormes e pesados) – o que garante manter-se a proximidades entre os termos subordinante e subordinados –, e a posposição do sintagma preposicional. Assim, evita-se também a coordenação de elementos que não são da mesma natureza, quanto ao

ato de fala: os adjetivos *enormes* e *pesados* descrevem e avaliam o objeto observado quanto à dimensão; já a locução adjetiva *de látex* descreve-o pela especificação da matéria de que são feitos os bonecos.

Se não tivesse sido usado esse recurso sintático da colocação, para manter-se a ordem esperada na língua portuguesa, em que o adjetivo se pospõe ao substantivo, os adjetivos ficariam depois da locução adjetiva – ... bonecos de látex enormes e pesados –, e não antes dessa locução (... bonecos enormes e pesados de látex¹⁴).

Embora a anteposição do sintagma preposicional articulado ao núcleo principal do sintagma nominal seja pouco freqüente, pode ocorrer no texto poético, na figura de construção por transposição, o hipérbato, figura em que se faz qualquer alteração na ordem direta e que se apresenta atenuado (anástrofe) ou exagerado (sínquise), caso em que o sentido fica mais obscuro (Tavares, 1996: 329, 338, 339 e 340), o que se ilustra com os exemplos 15 e 16: o primeiro quarteto do poema *Vaso grego*, e o primeiro terceto do poema *Vaso chinês*, ambos do poeta parnasiano Alberto de Oliveira (apud Barbosa, 1997: 142 e 143).

Exemplo 15: Esta de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Exemplo 16: Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura.

Nessas estrofes¹⁵, há a aplicação dos dois processos: da concordância nominal, com os elementos próximos ou distantes, com anteposição dos adjetivos, e o da regência nominal: no exemplo 15,

¹⁴ Se essa ordem fosse utilizada, seria necessário o emprego de uma pontuação de intercalação (vírgula, travessão ou parênteses): bonecos, enormes e pesados, de látex; bonecos – enormes e pesados – de látex; bonecos (enormes e pesados) de látex.

¹⁵ A ordem habitual dessas construções seria, para o quarteto: Um dia, esta copa brilhante, de áureos relevos, trabalhada de [por] mãos divas [divinas], vinda do Olimpo, como [porque] já [estivesse] cansada de servir aos deuses, servia a um novo deus; e, para o terceto: Mas também lá estava a singular figura de um velho mandarim, talvez – quem o sabe? – por contraste à desventura.

ampliam-se um núcleo substantivo (*copa*) e dois participios adjetivados (*trabalhada* e *cansada*)¹⁶ com posposição e anteposição do sintagma preposicional, enquanto, no exemplo 16, só se apresenta a anteposição dos elementos subordinados, tanto o sintagma preposicional (*de um velho mandarim*), quanto os adjetivos (*velho*, *singular*) como se analisa no quadro 6.

Quadro 6 - Relação entre termos subordinante e subordinados nos exemplos 15 e 16

TERMO		CLASSE	PROCESSO	COLOCAÇÃO	
Subordinante	Subordinado				
copa	esta	pronomes- adjetivo	concordância	anteposição	
	Brilhante	adjetivo			
	Trabalhada	participio		posposição	
	Cansada				
	vinda				
relevos	áureos	adjetivo	anteposição		
mãos	divas				
deus	novo				
trabalhada	de divas mãos	substantivo	regência	posposição	
cansada	de servir	substantivo (oração)			anteposição
vinda	do Olimpo	substantivo			posposição
mandarim	um	artigo	concordância	anteposição	
	velho	adjetivo			
figura	singular	substantivo	regência		
	de um velho mandarim				

O uso desse processo de anteposição do sintagma preposicional articulado ao núcleo principal do sintagma nominal é muito freqüente no poeta romântico Castro Alves, como comprova o

¹⁶ A função sintática desses termos articulados a participios é de complemento nominal, fugindo ao tema aqui estudado, mas servem para ilustrar a colocação anteposta e posposta de sintagmas preposicionais que ampliam substantivos ou adjetivos.

exemplo 17, o segundo quarteto de seu poema *Pelas sombras* (Alves, 1997:98), analisado no quadro 7.

Exemplo 17: Da garça do oceano as ensopadas penas
 O mórbido suor enxugam-me da testa
 Na aresta do rochedo o pé se firma apenas...
 No entanto ouço do abismo a rugidora festa!...¹⁷

Quadro 7 - Relação entre termos subordinante e subordinados no exemplo 17

TERMO		CLASSE	PROCESSO	COLOCAÇÃO
Subordinante	Subordinado			
Penas	As	artigo	Concordância	anteposição
	ensopadas	adjetivo		
	Da garça	substantivo	Regência	
Garça	Do oceano			posposição
suor	O	artigo	Concordância	anteposição
	mórbido	adjetivo		
	Da testa	substantivo	Regência	posposição
aresta	Do rochedo			
festa	A	artigo	Concordância	anteposição
	rugidora	adjetivo		
	Do abismo	substantivo	Regência	

Concordância Nominal e Regência: Reiteração

Quando há reiteração, os termos, por serem autônomos e da mesma natureza, coordenam-se assindeticamente com sinais de pontuação (vírgula e ponto-e-vírgula), ou sindeticamente por meio de um conectivo coordenativo. Daí a possibilidade de ocorrência dos recursos estilísticos, relacionados com a coordenação, o assíndeto (Exemplo 18, em que se coordenam assindeticamente, marcados pelas vírgulas, as formas adjetivas que caracterizam o oceano: sem fim, sombrio, eterno) e o polissíndeto (Exemplo 19, em que os três adjetivos que caracterizam o termo *superfície* – igual, limpa, pura – se interligam com a conjunção coordenativa *e*), fugindo-se à construção habitual em que só o último elemento coordenado é precedido do

¹⁷ Nesse caso, a ordem habitual dos dois sintagmas preposicionais seria: as ensopadas penas da garça do oceano e a rugidora festa do abismo.

conectivo coordenativo (Exemplo 20, em que a conjunção só se apresenta precedendo o último dos elementos coordenados: *azul, meigo, brando*).

Exemplo 18: Assim, meu pobre livro as asas larga
Neste oceano sem fim, sombrio, eterno...
(Alves, 1997:15)

Exemplo 19: Que a mesma terra estaipa, e já figura
A superfície igual, e limpa e pura.
(Costa, s/d: 165)

Exemplo 20: O céu era azul, tão meigo e tão brando
(Dias, 1997:36)

Além disso, no caso da articulação de um sintagma preposicional, pode haver ocorrência de elipse da preposição no termo reiterado, tanto na relação de dependência quanto na relação de equivalência – passa-se do geral (núcleo) para o específico (termo articulado), com função de aposto especificador. Comprova-se a relação de equivalência (aposto) – e não de dependência (adjunto adnominal ou complemento nominal) –, apresentada no exemplo 21, pela aplicação do teste da pergunta (Que sensações?) que solicita uma identificação ou especificação.

Da mesma forma, no teste da reescrita, mostra-se a equivalência pelo uso do verbo de ligação SER, ou pela intercalação através de parênteses ou de travessões. Em ambos os casos, o uso da preposição é optativo¹⁸, como comprovam as reescritas do exemplo 21, em que a equivalência se evidencia, na forma oracional, na relação

¹⁸ A elipse da preposição nem sempre pode ocorrer. O uso da preposição é facultativo, segundo a regra, se houver simultaneidade e continuidade entre os sintagmas preposicionais coordenados; não pode haver elipse da preposição quando há apenas continuidade entre eles. Veja-se essa diferença nos exemplos:

a) Perfeição de forma e de fundo/ Perfeição de forma e fundo.

b) Textos de poetas e de romancistas (poetas não são romancistas e vice-versa)

Entretanto essa regra não funciona na prática, preferindo-se a elipse, levando-se em conta apenas o fato de haver a possibilidade de o leitor recuperar o elemento elíptico.

entre o sujeito e o predicativo do sujeito, com ou sem preposição¹⁹ (Rescrita 1 e 2) ou, na forma sintagmática, com o uso da preposição (explícita ou elíptica), com pontuação (parênteses e travessão), nas reescritas de 3 a 6.

- Exemplo 21:** As sensações de fome e saciedade [...].
(O MECANISMO..., 1993:15)
- Reescrita 1: Essas sensações são fome e saciedade.
- Reescrita 2: Essas sensações são de fome e de saciedade.
- Reescrita 3: Essas sensações (fome e saciedade)
- Reescrita 4: Essas sensações (de fome e de saciedade)
- Reescrita 5: Essas sensações – fome e saciedade –
- Reescrita 6: Essas sensações – de fome e de saciedade –

Concordância Nominal e Regência: Simultaneidade de Uso

Encontra-se – embora raramente – a ocorrência simultânea desses dois mecanismos de ampliação do núcleo substantivo, mantendo-se a concordância nominal entre adjetivo e substantivo separados por uma preposição, como comprova o exemplo 22:

Exemplo 22: Coitados dos homens, coitadas das mulheres!

Esse tipo de construção, no entanto, difere daquele em que não se admite a simultaneidade desses mecanismos. São estas as diferenças observadas:

1. Os termos constituintes são de classe diferente (substantivo e adjetivo);
2. O adjetivo precede o substantivo;
3. O adjetivo é subordinante do ponto de vista da regência, sendo a preposição por ele determinada. (Daí a obrigatoriedade de sua anteposição);
4. O substantivo é subordinante do ponto de vista da concordância, determinando o ajuste de flexão do adjetivo;
5. O adjetivo (coitados/coitadas) não exprime uma característica do substantivo, mas revela um sentimento do enunciador

¹⁹ A preposição é obrigatória se a relação for de dependência – o livro de matemática/o livro é de matemática; a retirada da página – em que o sintagma preposicional exerce a função sintática de adjunto adnominal, de predicativo do sujeito ou de complemento nominal.

em relação aos termos substantivos (homens/mulheres), podendo ser considerado como uma marca da enunciação no enunciado. Nesse caso, o adjetivo tem uma conotação afetivo-ideológica, apresentando um julgamento de valor e revelando um engajamento emocional do locutor (Kerbrat-Orecchioni, apud Boissinot, 1992:51-52)²⁰; e

6. A concordância é obrigatória (coitado do homem; coitada da mulher; coitados dos homens; coitadas das mulheres).

Encontra-se um exemplo similar, mas com constituintes da mesma classe, em que o deslocamento do núcleo principal para a posição de núcleo secundário altera o sentido. É o caso dos exemplos 23 e 24:

Exemplo 23: O dono do burro

Exemplo 24: O burro do dono

No primeiro desses exemplos, traduzido nas reescritas – *O burro tem um proprietário, O dono é o proprietário do burro* –, só há um núcleo subordinante, o da regência. A flexão é decorrente não da relação de dependência entre os termos, mas da situação, isto é, se há mais de um proprietário ou mais de um burro. Diz-se, então: *o dono do burro; o dono dos burros; os donos do burro; os donos dos burros*. O núcleo principal, como se comprova, não determina a flexão do núcleo secundário.

Mas, no outro exemplo, *o burro do dono*, há uma ofensa. O sentido é que o proprietário é burro, isto é, ignorante. Há dois núcleos subordinantes: o da regência e o da concordância. Dessa forma, o elo de concordância entre os dois núcleos é obrigatório, determinado pelo núcleo regente da concordância. Nesse caso, diz-se *o burro do dono; os burros dos donos*, mas não se diz **o burro dos donos*, nem **os burros do dono*.

²⁰ Reescrevendo-se essas construções, o adjetivo ocuparia o lugar de predicativo do sujeito — Na minha opinião, os homens são coitados e as mulheres são coitadas —, ou de predicativo do objeto — Considero os homens coitados; também considero coitadas as mulheres.

Considerações

Diante do exposto, vê-se que tanto a concordância nominal quanto a regência nominal, processos de ampliação do núcleo do sintagma nominal, mutuamente excludentes, admitem a coordenação, quando reiterados, mas têm uma possibilidade de colocação diferente no sintagma: se o primeiro pode estar anteposto ou posposto, no segundo só pode ocorrer posposição (a anteposição só se dá no texto poético), articulando-se diretamente ao núcleo de tal forma que os adjetivos, se pospostos, ficam após o sintagma preposicional; se antepostos, devem ser destacados pela pontuação.

Importantes na identificação de grupos de sentido, na língua escrita, esses processos se justificam como uma forma de o enunciador se obrigar a dar ao leitor as pistas que tornam o seu texto auto-explicativo, contendo o seu plano de leitura. Por sua vez, ao leitor cabe, graças a sua percepção seletiva, utilizar as pistas que julgar necessárias, dispensando as que considerar desnecessárias por serem previsíveis ou fazerem parte de seu campo de experiência. De fato, é reconhecido, na leitura, o papel não só das experiências linguísticas, como as referidas neste trabalho, mas também das experiências extralinguísticas, contextuais. Muitas vezes, o conhecimento do contexto pode levar à compreensão e à utilização do mecanismo sintático aplicado.

Em suma, não há quem não considere importantes os fenômenos da concordância e da regência, tanto aqueles que estudam, ou ensinam, ou lidam diretamente com a língua portuguesa – linguistas, gramáticos, professores, escritores, jornalistas, tradutores, revisores e até mesmo pessoas comuns, mas escolarizadas. É por isso que, sem serem polêmicos, os temas *concordância* e *regência* estão sempre presentes nas gramáticas, nos manuais escolares, nos programas de cursos e de concursos. E, para muitos, o domínio desses recursos sintáticos corresponde ao verdadeiro conhecimento da Língua Portuguesa.

Essa opinião se aplica tanto à língua oral quanto à língua escrita. Alves (1989), comentando o debate entre dois candidatos à presidência da República, destacou que “os erros de concordância e de regência, os barbarismos, as obscuridades, a utilização caótica dos pronomes e das preposições marcaram as exposições dos candidatos. Resende (1993:23), por sua vez, referindo-se ao bilhete que o então

presidente Collor enviou a seu porta-voz, escreveu: “Eu podia indicar no texto outras nugas e rusgas. Mas basta este erro flagrante de concordância”. E, em tom brincalhão, cita a opinião de um amigo – aparente elogio, mas com forte matiz machista – para quem “em boca feminina, até erro de português fica bem” (Resende, 1991). O uso da palavra denotativa *até* – que entra no discurso para apoiar uma tese (Ilari & Geraldí, 1990:79) – mostra claramente expresso o desejo da adesão do leitor para a tese defendida: os erros de Português são imperdoáveis.

Perdão que igualmente não se dá aos que cometem erros de grafia, pois muitos também confundem o domínio do sistema ortográfico em vigor com o conhecimento da língua. Isso não ocorre apenas com a língua portuguesa, como comprova o caso do ex-vice-presidente dos Estados Unidos, Don Quayle que, visitando uma escola americana, soletrou erradamente a palavra *tomato*, dando-lhe a grafia *tomatoe* (sic), influenciado, provavelmente, pela forma do plural *tomatoes*. Após muito tempo, esse fato foi lembrado por Canton (1993:68): “Contanto que ele [Don Quayle] não continue insistindo que *tomato* (tomate, em inglês) tem um *e* no final, o tal livro pode até mesmo sair”.

É isso mesmo: não se tem indulgência – nem piedade – com aqueles que cometem erros de concordância (principalmente), de regência (nem sempre percebidos) ou de grafia, erros que desvalorizam e humilham aqueles que os cometem, por maior que seja a sua competência em outras áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A COLORAÇÃO azulada do céu. *Globo Ciência*. Rio de Janeiro, v.3, n.23, p. 14, set. 1993.
- A GESTAÇÃO da “Família Dinossauros”. *Globo Ciência*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 26, p. 14, set. 1993.
- ADAM, Jean-Michel. *Le texte narratif*. Paris: Nathan, 1985.
- ALVES, Antônio de Castro. *Espumas flutuantes: poemas*. São Paulo: Klick, 1997 (Coletânea: Ler é aprender).

ALVES, Hermano. Pobre língua portuguesa. *Istoé/Senhor*. São Paulo, n.1056, dez. 1989.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: W.M.Jackson, 1952. (Obras completas de Machado de Assis).

BARBOSA, Frederico (org.). *Clássicos da poesia brasileira: antologia da poesia brasileira anterior ao modernismo*. São Paulo: Klick, 1997 (Coletânea: ler é aprender)

BOISSINOT, Alain. *Les textes argumentatifs*. Toulouse: Bertrand/Lacoste/CRDP de Toulouse, 1992 (Collection didactiques).

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1961.

CANTO, Raquel. Viagem a Portugal pelas praias da História. *Revista Geográfica Universal*. Rio de Janeiro, n. 222, p. 88-97, jun. 1993.

CANTON, Kátia. Ridículas memórias. *Istoé*. São Paulo, n. 1260, nov. 1995.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1988 (Série Fundamentos)

CÉREBRO de mulher mais veloz. *Gazeta do povo*. Curitiba, 14 nov. 1993.

COSTA, Cláudio Manuel da. *Poemas*. São Paulo: Circulo do Livro, s/d.

CUNHA, Celso Ferreira; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Antônio Gonçalves. *Poemas*. Seleção, introdução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos, Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997 (Biblioteca Folha; 15)

FRIEDEL, Michael. Maldivas: as ilhas das mil e uma noites. *Revista Geográfica Universal*. Rio de Janeiro, v. 222, p. 4-15, jun. 1993.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990 (Série Princípios)

KOCH, Ingedore Greenfeld Villaça. *A coesão textual*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

O MECANISMO da sensação da fome. *Globo Ciência*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 26, p. 15, set. 1993.

OLIVEIRA, Cleófano Lopes de. *Flor do Lácio*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1953.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. *Os Maias*. São Paulo: Nova Fronteira, 2000.

QUERINO NETO, Antônio. Bom dia, tristeza. *Istoé*. São Paulo, n. 1260, p. 108, nov. 1993.

RESENDE, Otto Lara. Acordo e concordância. *Bom dia para nascer*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RESENDE, Otto Lara. A guimba e o reflexo. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 8 jul. 1991, c. 1, p. 2.

RIBEIRO, Wagner. *Antologia luso-brasileira*. 8. ed. São Paulo: F.T.D., s/d

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sócio-lingüística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990 (Série Princípios).

TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. 11. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1996.

TONDO, Nádia Vellinho. *Sintaxe e semântica da concordância verbal*. Porto Alegre: Sulina, 1978. (Col. Universitária)

WOLFF, Isabel. Segredo cerca a beleza da “Dama de Ferro”. Trad. de Clara Allain. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 dez. 1993, c.3 (Mundo), p. 6.